



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão
da Educação Brasileira 3

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão da
Educação Brasileira 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A945	Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira 3 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-460-3 DOI 10.22533/at.ed.603191007 1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série. CDD 379.981
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira” contou com a contribuição de mais de 270 artigos, divididos em 10 volumes. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da educação, sobretudo, avaliação, políticas e expansão da educação brasileira.

A temática principal foi subdividida e ficou assim organizada:

Formação inicial e continuada de professores - **Volume 1**

Interdisciplinaridade e educação - **Volume 2**

Educação inclusiva - **Volume 3**

Avaliação e avaliações - **Volume 4**

Tecnologias e educação - **Volume 5**

Educação Infantil; Educação de Jovens e Adultos; Gênero e educação - **Volume 6**

Teatro, Literatura e Letramento; Sexo e educação - **Volume 7**

História e História da Educação; Violência no ambiente escolar - **Volume 8**

Interdisciplinaridade e educação 2; Saúde e educação - **Volume 9**

Gestão escolar; Ensino Integral; Ações afirmativas - **Volume 10**

Deste modo, cada volume contemplou uma área do campo educacional e reuniu um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis do ensino.

Entregamos ao leitor a coleção “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira”, divulgando o conhecimento científico e cooperando com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUE SÃO ATENDIDOS PELO SAREH	
Geicinara Martins de Almeida Oliveira Adriane de Lima Vilas Boas Bartz Cintya Fonseca Luiz	
DOI 10.22533/at.ed.6031910071	
CAPÍTULO 2	12
A ESCOLA INCLUSIVA: ASPECTOS GERAIS PARA A ALFABETIZAÇÃO DE SURDOS	
Ester Vitória Basílio Anchieta Ezer Wellington Gomes Lima	
DOI 10.22533/at.ed.6031910072	
CAPÍTULO 3	24
A PARTICIPAÇÃO DE UMA ALUNA EM CONDIÇÃO DE DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Rodrigo Barbuio Evani Andreatta Amaral Camargo Ana Paula de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.6031910073	
CAPÍTULO 4	40
A PESSOA COM SÍNDROME DE DOWN E SEU COMPORTAMENTO DIANTE O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE	
Ivanusa Maria da Silva Adriane de Lima Vilas Boas Bartz Cintya Fonseca Luiz	
DOI 10.22533/at.ed.6031910074	
CAPÍTULO 5	48
A PRÁTICA DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DA REDE PÚBLICA DE SP COM ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	
Carolina Lourenço Reis Quedas Silvana Maria Blascovi-Assis Maria Eloisa Famá D´Antino	
DOI 10.22533/at.ed.6031910075	
CAPÍTULO 6	61
A TRAJETÓRIA DE LUTAS DA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL: EM BUSCA DA EFETIVAÇÃO DO DIREITO À EDUCAÇÃO	
Dilene Pinheiro da Silva Ailton Vitor Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.6031910076	
CAPÍTULO 7	70
ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL	
Loryza Rodrigues Barbosa de Barros Natal Juliana Marcondes Bussolotti	
DOI 10.22533/at.ed.6031910077	

CAPÍTULO 8	85
ALTAS HABILIDADES E SUPERDOTAÇÃO: IMPLICAÇÕES NA SALA DE RECURSO MULTIFUNCIONAL NO MUNICÍPIO DE UBIRATÃ-PR	
Adriane de Lima Vilas Boas Bartz	
DOI 10.22533/at.ed.6031910078	
CAPÍTULO 9	96
ARTE, VISÃO DE UM MUNDO COM DEFICIÊNCIA	
José Ricardo Lopes da Silva	
Laís Helena Gouveia Rodrigues	
Lucas Moreno Cavalcanti Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.6031910079	
CAPÍTULO 10	110
CONSTRUÇÃO DO SENTIDO COLETIVO EDUCACIONAL E A BUSCA DA INSERÇÃO SOCIAL DOS AUTOINSUSTENTÁVEIS: UM RELATO VIVENCIADO	
Giselda Frank	
Viviane Brandão Frigo	
Samira Furlan	
DOI 10.22533/at.ed.60319100710	
CAPÍTULO 11	115
CURRÍCULO EDUCACIONAL, UM OLHAR PELAS DIVERSIDADES	
Lucimar Araújo Braga	
Igor Antonio Barreto	
DOI 10.22533/at.ed.60319100711	
CAPÍTULO 12	130
DEFASAGEM IDADE/SÉRIE E POLÍTICAS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO: AS AÇÕES DOS PEQUENOS MUNICÍPIOS DO VALE DO RIO DOS SINOS/RS	
Tatiane de Fátima Kovalski Martins	
DOI 10.22533/at.ed.60319100712	
CAPÍTULO 13	136
DESAFIOS DA INCLUSÃO COMO INSTITUINTE DESENCADEANTE DE MUDANÇA NA FAMÍLIA E NA ESCOLA	
Neide Barbosa Saisi	
DOI 10.22533/at.ed.60319100713	
CAPÍTULO 14	145
EDUCAÇÃO EM SAÚDE A DEFICIENTES VISUAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL	
Ana Carolina Guidorizzi Zanetti	
Kelly Graziani Giaccherro Vedana	
Anderson Heiji Lima Miyazaki	
Bárbara Gadioli	
Beatriz Molina Carvalho	
Bruna Marques Chiarelo	
Carine Sanches Zani Ribeiro	
Cíntia Coró	
Cristiano Gimenez Olímpio	
Daniele Maria Nogueira	
Isabelle Wengler Silva	

João Paulo Ferreira Rodrigues
Jonas Gabriel Pestana Gradim
Julia Cintra Gomes
Juliana Masini Garcia
Livia Maria Landgraff Pereira
Mariana Aparecida de Jesus Castro Santos
Murillo Fernando Jolo
Thainá Ferreira de Toledo Piza
Tatiana Pupim Libório

DOI 10.22533/at.ed.60319100714

CAPÍTULO 15 150

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO SISTEMA PENITENCIÁRIO

Silvana Mara Bernardi Rizotto
Fernanda Sprada Lopes
Ivo José Both

DOI 10.22533/at.ed.60319100715

CAPÍTULO 16 154

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NUMA PERSPECTIVA INCLUSIVA: POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Ana Paula Dantas Ferreira
Dayane Mary Soares da Costa
Dayse Alves dos Santos
Marcos Antônio de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.60319100716

CAPÍTULO 17 171

EDUCAÇÃO, POBREZA E DESIGUALDADE SOCIAL: A CIDADANIA ATRAVÉS DAS ONDAS DA RÁDIO ESCOLAR

Alana Lessa do Nascimento Silva
Evaldo Ribeiro Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.60319100717

CAPÍTULO 18 182

ENSINO DA MATEMÁTICA PARA CEGOS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR - RELATO DE EXPERIÊNCIA

Vanessa Soares Sandrini Garcia

DOI 10.22533/at.ed.60319100718

CAPÍTULO 19 187

ENSINO DE LIBRAS L2 NA PERSPECTIVA DISCURSIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Andréa dos Guimarães de Carvalho
Gilmar Garcia Marcelino
Kelly Francisca da Silva Brito
Renata Rodrigues de Oliveira Garcia

DOI 10.22533/at.ed.60319100719

CAPÍTULO 20	193
INFOLIBRAS: VÍDEOAULAS PRÉ-VESTIBULAR EM LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS	
Jaison Fernando da Silva Caroline Barboza Januário Lívia Bianca Oliveira Dariva Daniele Rosa de Arruda da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.60319100720	
CAPÍTULO 21	199
LEI N. 8.069/1990 – ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE: UMA POLÍTICA PÚBLICA PARA ADOLESCENTE COM COMPORTAMENTO DESVIANTE?	
Darliane Silva do Amaral	
DOI 10.22533/at.ed.60319100721	
CAPÍTULO 22	204
O DIREITO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NOS MARCOS LEGAIS DO BRASIL DE 1994 A 2015	
Juliane Kelly de Figueiredo Freitas Josanilda Mafra Rocha de Moraes Lenina Lopes Soares Silva	
DOI 10.22533/at.ed.60319100722	
CAPÍTULO 23	217
O ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA NO ÂMBITO ESCOLAR POR MEIO DO ENSINO RELIGIOSO	
Patrícia Aparecida da Cunha Guilherme Alessandro Garcia Eloy Alves Filho	
DOI 10.22533/at.ed.60319100723	
CAPÍTULO 24	224
O INTÉRPRETE DE LIBRAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA PARA SURDOS	
Rosanea Beatriz Borges Melchior José Tavares Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.60319100724	
CAPÍTULO 25	232
PLANEJAMENTO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM ENFOQUE CTS/CTSA NO ENSINO FUNDAMENTAL VISANDO À INCLUSÃO SOCIAL E CIDADANIA PLENA	
Ivone Liphhaus Almeida Sidnei Quezada Meireles Leite	
DOI 10.22533/at.ed.60319100725	
CAPÍTULO 26	245
POLÍTICAS EDUCACIONAIS E DESIGUALDADE SOCIAL NO BRASIL: DESAFIOS NA GARANTIA DE DIREITO À EDUCAÇÃO	
Ivana Aparecida Weissbach Moreira Rosenei Cella Rosana Cristina Kohls	
DOI 10.22533/at.ed.60319100726	

CAPÍTULO 27	251
USO DE INSTRUMENTOS MIDIÁTICOS NO PROCESSO DE LETRAMENTO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	
Fernanda Cinthya de Oliveira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.60319100727	
CAPÍTULO 28	270
TDAH: SUAS IMPLICAÇÕES COM A VIDA	
Yara Vieira Alberti	
Adriane de Lima Vilas Boas Bartz	
Cintya Fonseca Luiz	
DOI 10.22533/at.ed.60319100728	
CAPÍTULO 29	280
PROJETO VIVENDO AS DIFERENÇAS	
Cintia Cristina Escudeiro Biazan	
Denise Aparecida Refundini Castellani	
Sandramara Morando Gerbelli	
Viviane Franzo Juliani	
DOI 10.22533/at.ed.60319100729	
CAPÍTULO 30	291
TRANSFORMAR PARA INCLUIR – O CASO DO CAIS DE CONTAGEM-MG	
Élida Galvão do Nascimento	
Danielle Aparecida do Nascimento dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.60319100730	
CAPÍTULO 31	301
POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM ESTUDO SOBRE A PERSPECTIVA DO PROFESSOR FACE A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS NAS ESCOLAS DE ENSINO REGULAR	
Everton Ucela Alves	
DOI 10.22533/at.ed.60319100731	
CAPÍTULO 32	312
PROPOSTA DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS UTILIZANDO ATIVIDADES E MATERIAIS ADAPTADOS PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL E/OU BAIXA VISÃO VERSANDO CONTEÚDOS DO ENSINO MÉDIO	
Thamires de Souza Nascimento	
Andréa Aparecida Ribeiro Alves	
DOI 10.22533/at.ed.60319100732	
SOBRE O ORGANIZADOR	323

A PARTICIPAÇÃO DE UMA ALUNA EM CONDIÇÃO DE DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Rodrigo Barbuio

Universidade São Francisco – Itatiba – São Paulo

Evani Andreatta Amaral Camargo

Centro Universitário Moura Lacerda – Ribeirão Preto – São Paulo

Ana Paula de Freitas

Universidade São Francisco – Itatiba – São Paulo

RESUMO: Este texto é parte de uma dissertação de mestrado que teve como foco a Educação Física Escolar, considerando-se o contexto da Educação Inclusiva. O objetivo do estudo foi o de compreender as condições de participação de uma aluna em condição de deficiência intelectual em aulas de Educação Física e, a partir daí, propor intervenções pedagógicas com o intuito de contribuir para a sua efetiva inserção durante essas aulas. O estudo é fundamentado na perspectiva teórica histórico-cultural do desenvolvimento humano, que tem Lev Semenovitch Vigotski como seu principal representante. A aluna com treze anos estava matriculada no 7^a ano do ensino fundamental, em uma escola estadual localizada em uma cidade do interior do estado de São Paulo. A construção de dados foi realizada durante o ano de 2014, mediante observações registradas em diário de campo da aluna em aulas de Educação Física, focalizando sua relação com a professora e pares e, intervenções pedagógicas

realizadas pelo pesquisador. Como resultados obtidos, em um primeiro momento observou-se alunos desmotivados e a não participação da aluna foco deste estudo. Posteriormente, com ações pedagógicas mais direcionadas foi possível constatar a motivação e participação dos alunos durante todas as aulas, inclusive da aluna, que realizou as atividades, demonstrando dificuldade em algumas tarefas, mas, com a ajuda do pesquisador, conseguiu participar de modo mais efetivo.

PALAVRAS-CHAVE: Perspectiva Histórico-Cultural. Inclusão Escolar. Intervenção Pedagógica. Educação Física Escolar. Deficiência.

ABSTRACT: This text is part of a master's thesis that focused on Physical School Education, considering the context of Inclusive Education. The objective of the study was to understand the conditions of participation of a student in intellectual disability status in Physical Education classes and, from there, to propose pedagogical interventions with the intention of contributing to their effective insertion during these classes. The study is based on the historical-cultural theoretical perspective of human development, which has Lev Semenovitch Vygotsky as its main representative. The student at the age of thirteen was enrolled in the seventh grade of elementary school at a state school located in

a city in the interior of the state of São Paulo. The construction of data was carried out during the year 2014, through observations recorded in the students' field diary in Physical Education classes, focusing on their relationship with the teacher and peers, and pedagogical interventions carried out by the researcher. As results obtained, at a first moment we observed unmotivated students and the non-participation of the focus student of this study. Subsequently, with more directed pedagogical actions, it was possible to verify the motivation and participation of the students during all the classes, including the student, who carried out the activities, showing difficulty in some tasks, but with the help of the researcher, was able to participate more effectively.

KEYWORDS: Historical-Cultural Perspective. School inclusion. Pedagogical Intervention. Physical School Education. Deficiency.

1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte de uma dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Mestrado em Educação do Centro Universitário Moura Lacerda e que teve como foco a Educação Física Escolar, considerando-se o contexto da Educação Inclusiva. O objetivo geral da investigação foi compreender as possibilidades de participação de uma aluna em “condição” de deficiência intelectual nas aulas de Educação Física.

Desde a implantação da Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), diversos estudos brasileiros procuram investigar, analisar e compreender aspectos do contexto educacional tendo em vista essa política. Porém, na área da Educação Física, são poucos os estudos que focalizam a Inclusão Escolar, sobretudo que se fundamentam na perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano e que abordam aspectos da prática pedagógica para alunos com deficiência. Assim, pretendemos neste texto discutir aspectos da inclusão escolar de uma aluna em condição de deficiência intelectual, focalizando especialmente as interações entre aluna e professora e aluna e pesquisador, durante as práticas pedagógicas nas aulas de Educação Física. O pesquisador, um dos autores deste texto, é Educador Físico e no ano de 2014 realizou o estudo em uma escola pública de Ensino Fundamental no qual desenvolveu uma proposta de intervenção pedagógica, buscando realizar práticas de ensino que efetivasse a participação da aluna durante a disciplina. No presente trabalho, apresentamos resultados decorrentes dessa proposta.

Estudos evidenciam que a trajetória dos indivíduos com deficiência foi marcada por preconceitos e lutas, em busca do seu direito à cidadania. (ARANHA, 2001; GUGEL, 2007; MAZZOTA, 2011).

No Brasil, as ideias sobre os direitos inclusivos se intensificaram a partir da Constituição Federal de 1988, sendo esta considerada a lei suprema do país, trazendo indicativos de que os sujeitos com deficiência têm o direito e devem estar inseridos na rede regular de ensino. De acordo com a Constituição Federal de 1988, Art. 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e

incentivada com a colaboração da sociedade. Visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Assim, como nos aponta Kassar (2011):

[...] a política educacional passa, a partir de 1988, a ser uma política pública de caráter universal e isso gera mudanças no sistema de ensino. No mesmo período em que se consolida o sistema de proteção social, estabelecido pela Constituição Federal de 1988, inicia-se a disseminação de uma proposta de Educação Escolar Inclusiva (p. 46-47).

A partir de meados do século XX, após a segunda guerra mundial, ideias a respeito da inclusão de pessoas com deficiências foram sendo discutidas em reuniões organizadas por vários países, que resultaram em documentos como a declaração de Salamanca (1994). O Brasil se torna signatário desses documentos e passa a incorporar o discurso inclusivo, que ganha contornos legais com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9394/1996 (BRASIL, 1996).

Nessa lei, a Educação Especial passa a ser considerada uma modalidade de ensino que tem como objetivo promover a matrícula de alunos com necessidades educacionais especiais na rede regular de ensino.

A inclusão de alunos com deficiência na rede regular de ensino é sempre motivo de discussões e inquietações no meio educacional, por parte dos pais desses alunos, pelos professores e responsáveis, de modo geral. Em relação à disciplina de Educação Física, podemos encontrar estudos com resultados controversos em relação aos aspectos de inclusão.

Os estudos de Mazzarino; Falkenbach; Rissi (2011); Palma; Lehnhard (2012) e Andrade (2014) nos apontam problemas relacionados a questões de estruturas físicas, apoio institucional e falta de materiais adequados para a disciplina. Porém, estudos nos mostram relatos de experiências positivas, com benefícios significativos, como aumento de autoestima, autoconfiança, autonomia dos alunos, afetividade e uma melhora na convivência entre os pares (KARAGIANNIS; STAINBACK; STAINBACK, 1999; GORGATTI, 2003).

Como observamos nos estudos citados, o tema sobre participação e inclusão dos alunos com deficiência nas aulas de Educação Física, ainda é controverso. Embora a escola e os professores tenham preocupação com esses alunos, ainda são encontrados diversos obstáculos para que a esperada inclusão ocorra de forma efetiva. A disciplina de Educação Física, como integrante do currículo escolar, não deve deixar esse processo restrito; pelo contrário, devido à abrangência de suas características, deveria ampliar as possibilidades de experiência do aluno com deficiência, de modo a contribuir para o seu desenvolvimento. A seguir apresentaremos alguns princípios da perspectiva histórico-cultural, que embasaram esse trabalho.

2 | DISCUSSÕES DE VIGOTSKI SOBRE A DEFECTOLOGIA

Vigotski (1995, 2000), principal teórico da perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano, buscou compreender a origem e o desenvolvimento das funções psíquicas superiores, tais como: atenção dirigida; memória volitiva; linguagem. O autor, tendo como base os princípios do materialismo histórico e dialético (MARX; ENGELS, 2007), compreendia que “as origens das formas superiores de comportamento consciente deveriam ser achadas nas relações sociais que o indivíduo estabelece com o mundo exterior” (VIGOTSKI, 1988, p. 25).

Portanto, na tese de Vigotski (2000), o social e o cultural são dois aspectos base de todo desenvolvimento humano, que é caracterizado como um processo de transformação de um ser biológico para um sujeito sociocultural. Para o autor, funções da natureza da espécie não são desconsideradas na formação humana, mas sim redimensionadas na medida em que o indivíduo estabelece relações sociais, por meio da mediação de signos culturais criados no social, significando e internalizando os mesmos.

Vigotski (1997) também foi um estudioso sobre o processo de desenvolvimento de pessoas com deficiência. Fez também diversas discussões e críticas sobre a educação destinada a esses sujeitos, buscando reelaborar o conceito de compensação trazido por psicólogos de sua época, como Adler, e assuntos acerca da educação especial, que podemos encontrar na coletânea Fundamentos de Defectologia (1997).

Partindo do princípio da natureza social do desenvolvimento humano, Vigotski (1997) expõe suas ideias sobre a constituição de pessoas com deficiência. O autor discute as possibilidades de desenvolvimento e educação desses sujeitos e busca compreender as relações entre aprendizagem e desenvolvimento. Para o autor, desenvolvimento e aprendizagem não são aspectos coincidentes, mas interdependentes. O desenvolvimento é suscitado e impulsionado pela aprendizagem, e esta depende das condições sociais. A aprendizagem ocorre na relação do sujeito com o meio social em práticas necessariamente envoltas em mediação semiótica.

Desse modo, quando nos referimos às possibilidades de aprendizagem de alunos com deficiência, o processo não é diferente, isto é, deve ser compreendido a partir da situação social de desenvolvimento. Com base nos pressupostos de Vigotski (1997) sobre os sujeitos com deficiência, compreendemos que não são as condições orgânicas (biológicas) apenas que definem as possibilidades de aprendizagem destes sujeitos. Por sua vez, a depender das oportunidades oferecidas pelo meio social, as pessoas com deficiência poderão desenvolver as funções psicológicas superiores.

Para Vigotski (1997), portanto, o aluno com deficiência deve ser considerado um indivíduo com possibilidades de aprendizagem, desde que sejam proporcionadas a ele condições adequadas. Desse modo, o autor reitera a tese da natureza social do desenvolvimento para todos os sujeitos. Explica que, no caso de crianças com deficiência, deve-se buscar os meios e estímulos auxiliares para que ela possa se

desenvolver. Afirma que “[...] el niño cuyo desarrollo está complicado por el defecto no es simplemente um niño menos desarrollado que sus coetâneos normales, sino desarrollado de outro modo.” (VIGOTSKI, 1997, p.12).

Desta forma, compreendemos que o processo de aprendizagem para os alunos com deficiência não pode ficar limitado às práticas pedagógicas simplificadas e descontextualizadas. No caso da disciplina de Educação Física, foco deste estudo, esta ideia não é diferente e, consideramos que o professor desta disciplina deve buscar meios diferenciados para o aluno participar das aulas e se desenvolver.

3 | ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este estudo foi realizado em uma escola de Ensino Fundamental e Médio, da rede pública estadual de ensino do estado de São Paulo, em uma cidade considerada de médio porte, no interior do estado, durante o ano letivo de 2014.

Esclarecemos que a pesquisa foi realizada nessa escola, por indicação da supervisora de ensino da área de educação especial, vinculada à diretoria de ensino da região. A escola foi indicada por ter, segundo ela, vários alunos com deficiência. Após conversarmos com a diretora responsável pela escola, e obtermos sua autorização, realizamos observações durante as aulas de Educação Física, em nove classes do Ensino Fundamental II, em que a responsável pela escola nos afirmou ter alunos com algum tipo de deficiência. Após as observações, decidimos acompanhar uma aluna matriculada regularmente no 7º ano do ensino fundamental, que aqui denominamos Ana Laura, uma adolescente de treze anos de idade.

A escolha por essa aluna ocorreu mediante a indicação da diretora, que afirmou se tratar de uma aluna com deficiência intelectual. Embora sem acesso ao laudo que comprovasse a deficiência, consideramos que essa aluna era vista pela diretora, e pelos professores, como um “caso de inclusão”. Além disso, fomos informados que Ana Laura era aluna assídua à escola, o que viabilizaria nosso levantamento de dados.

A aluna ingressou no ensino básico dentro das expectativas idade/série, e assim seguia os estudos sem nenhuma reprovação. Residia em um bairro um pouco afastado da escola, percorrendo o trajeto em um ônibus escolar, sem precisar do auxílio de outras pessoas. Ana Laura, a princípio, parecia ser tímida, um pouco introspectiva, que sofria de algumas dificuldades por conta de seu sobrepeso. Não podemos afirmar o grau de obesidade de Ana Laura, mas eram visíveis o sobrepeso e as dificuldades decorrentes disso: era penoso para ela se locomover se levantar quando estava sentada ou deitada, apresentava um cansaço cardiorrespiratório, até mesmo ao conversar. Havia momentos em que a aluna demonstrava irritação e nervosismo, que pareciam ser decorrentes dessas dificuldades. Acreditamos que essas limitações físicas eram empecilhos para a interação entre a aluna e seus pares.

A construção de dados foi realizada mediante observações da aluna, em atividades

durante as aulas de Educação Física, focalizando sua relação com a professora de Educação Física, pares e pesquisador. Realizamos conversas com a diretora e com alguns professores, para obter mais informações sobre a aluna Ana Laura. Todos os dados foram registrados em diário de campo. Para este texto priorizamos os dados que focalizavam a interação entre Ana Laura e professora, aqui denominada de Lurdes e, pesquisador Rodrigo e Ana Laura.

No primeiro semestre de 2014 fizemos oito observações da aluna, durante as aulas de Educação Física, em contexto de atividades realizadas na quadra, sala de aula e pátio. Após essas observações, constatamos que a aluna não participava das aulas, permanecendo a maior parte do tempo sentada na arquibancada da quadra. Perante isso, no segundo semestre, propusemos à professora a realização de uma intervenção pedagógica, uma proposta para planejarmos algumas atividades para serem realizadas, visando a participação da aluna. Desse modo, planejamos e desenvolvemos oito aulas junto à turma, usando como base as atividades pedagógicas propostas no Caderno do Professor, material que faz parte do currículo unificado da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2013).

Após a leitura de todo o material registrado no diário de campo e orientados pelos princípios metodológicos da perspectiva histórico-cultural, identificamos alguns modos mais recorrentes de participação da aluna. Para esse texto, organizamos os dados em dois eixos temáticos: 1. Modos de interação entre aluna e professora: momento de observação. 2. Modos de interação entre a aluna e pesquisador: momento de intervenção.

Modos de interação entre aluna e professora: momento de observação

Episódio 1

O episódio trata-se do primeiro dia de observação. Fiquei aguardando a professora de Educação Física chegar à sala dos professores. Após sua chegada, seguimos para a sala de aula. A professora Lurdes me apresentou à turma, como um professor de Educação Física que faria observações durante as aulas, os alunos me receberam com bastante entusiasmo. Posteriormente à breve apresentação, a professora inicia a chamada. Após a chamada na sala de aula, Lurdes segue para a quadra com duas bolas em mãos, uma de futebol e uma de voleibol. A professora joga a bola de futebol para alguns alunos que já estavam lá, e entrega a bola de voleibol para uma das alunas. Os demais alunos se organizam entre si e começam a jogar futebol; algumas alunas se posicionam atrás da quadra, do lado esquerdo, e ficam trocando passes de voleibol, enquanto quatro alunas conversam, sentadas na arquibancada. Ana Laura, nesse momento, está deitada no segundo degrau da arquibancada. Após distribuir os materiais, a professora se ausenta da aula por aproximadamente vinte minutos. Ao retornar, fala com alguns alunos e, em seguida, dirige-se à Ana Laura.

Professora Lurdes: *Nossa senhora, Ana Laura, levanta menina, faz alguma coisa.*

Ana Laura não responde, e permanece deitada na arquibancada, até o final da aula. (EXTRAÍDO DO DIÁRIO DE CAMPO, 15/04/2014).

Trouxemos esse episódio para levantarmos algumas questões sobre a participação da aluna Ana Laura, de seus colegas e da professora. Em um primeiro momento, notamos que Ana Laura permanece o tempo todo deitada na arquibancada sem participar da aula, sem interagir com os colegas e com a professora. Os colegas também não conversam com ela e nem a chamam para realizar a atividade.

Podemos destacar ainda, a maneira como a professora Lurdes aborda a aluna que se encontra deitada, sem participar da aula. A professora chama sua atenção verbalmente, orientando para que ela participe da atividade. Ana Laura não reage à convocação da professora, e esta a deixa deitada na arquibancada até o término da aula.

A ação da professora leva-nos a supor que ela não apresenta muitas iniciativas pedagógicas para inserir a aluna na atividade. Podemos inferir que a professora não considera importante exigir dela o mesmo que exigiria de outros alunos, em seu aprendizado e desenvolvimento. Jurdi (2004) destaca que, muitas vezes, os alunos com deficiência são vistos como incapazes de obter bom desempenho escolar, destacando que isso possa estar atrelado ao professor, que nem sempre acredita na capacidade desses sujeitos.

Identificamos que as atividades pedagógicas propostas pela professora não constam do Caderno do Professor, material didático da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Alguns exemplos de atividades propostas nesse caderno são: atividades rítmicas; atletismo; basquetebol; ginástica geral e lutas.

Além disso, durante essa aula, não observamos a professora passar orientação para os alunos realizarem as atividades propostas (voleibol e futebol), ela apenas disponibiliza as bolas de futebol para os meninos e de voleibol para uma das meninas. Após isso, ausenta-se durante boa parte da aula.

Pela literatura que discute aulas de Educação Física dentro da política de Educação Especial na perspectiva da inclusão escolar, verificamos que há controvérsias sobre a participação, inclusão e princípios de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos com deficiência. O fator que nos chama mais atenção é o papel do professor, diante desse processo.

O estudo de Andrade (2014) sobre a inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física discute que se há uma proposta de intervenção, pode haver a participação e inclusão desses alunos durante essas aulas. O autor destaca situações de intervenção de professores junto aos alunos deficientes; intervenções que propiciam meios e condições para que participem das aulas, aprendam e interajam com os seus colegas. Ainda, segundo o autor, se os professores atuarem de maneira intencional, com o olhar voltado aos alunos com deficiência, propondo atividades pedagógicas e intervenções adequadas, é possível que a inclusão escolar seja mais efetiva, bem como a participação desses alunos nas aulas de Educação Física. Em outro estudo, Andrade e Freitas (2016) apontam que a função do professor é preponderante na organização das possibilidades e meios de participação, aprendizagem e desenvolvimento dos

alunos com deficiência, desde que sejam disponibilizadas atividades e estratégias que considerem as singularidades desses alunos.

Por outro lado, como podemos ver nos resultados obtidos no estudo de Silva e Souza (2005), os professores questionados afirmaram ter problemas e dificuldades para lidar com alunos com deficiência. Ressaltam, ainda, que a inclusão desses alunos está distante de atingir aquilo que preconiza a política de inclusão escolar.

Souza e Boato (2009), em um estudo que aborda as concepções e atitudes dos professores de Educação Física, em relação à inclusão de alunos com deficiência nas aulas dessa disciplina, no ensino regular, bem como a formação desses professores para lidar com o processo de inclusão em suas aulas, concluíram que as concepções e atitudes dos professores pesquisados são contraditórias, divididas entre positivas para a inclusão e tendenciosas à segregação. Alguns professores afirmaram não encontrar problemas para trabalhar com alunos com deficiência, mas a maioria destacou ter problemas em lidar com eles. Houve professores que atribuíram essa dificuldade à falta de preparo profissional, dizendo não estarem preparados; outros aliaram essa dificuldade a problemas de estrutura da escola, como: falta de apoio dos responsáveis e de materiais pedagógicos adequados para a realização das atividades.

Inferimos que a professora Lurdes possa não estar propondo atividades pedagógicas efetivas para a aluna Ana Laura, pelos mesmos motivos dos professores dos estudos mencionados.

Como afirma Vigotski (1997), o desenvolvimento da pessoa com deficiência, assim como de todas as pessoas, é orientado pelo princípio da natureza social do desenvolvimento. O que diferencia, é que a pessoa com deficiência precisa de caminhos diferentes e recursos auxiliares para que tenha acesso e possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento, pelo que depreendemos que a aluna Ana Laura precisaria de um olhar voltado para esses caminhos diferenciados.

Episódio 2

As carteiras estão todas enfileiradas. Ana Laura está sentada na quarta carteira da primeira fileira, da esquerda para direita. Após a professora realizar a chamada, dirige-se aos alunos:

Professora Lurdes: *Ei, aqui na caixa tem revistas, tabuleiros de dama e xadrez.*

A professora permanece fazendo anotações no diário da turma. Em seguida, alguns alunos se levantam para pegar os materiais, alguns pegam tabuleiro de dama, outros pegam revistas e alguns alunos ficam conversando entre si. Ana Laura, nesse momento, permanece sentada em sua carteira, deitada com a cabeça para baixo e os braços apoiados sobre a mesa. Após aproximadamente vinte minutos, a Professora se dirige à Ana Laura.

Professora Lurdes: *Ei, Ana Laura. Pega uma revista aqui.*

Ana Laura se levanta e vai até a mesa da professora, em que está a caixa com os materiais, pega uma revista e volta para sua carteira. Após isso, Ana Laura seguiu por um curto período de tempo folheando a revista, não demonstrando muito interesse. Após dez minutos, volta a se deitar sobre a carteira. (EXTRAÍDO DO DIÁRIO DE CAMPO, 22/04/2014).

Em um primeiro momento, podemos observar a postura de Ana Laura e sua relação com os seus pares. Ela permanece praticamente durante toda a aula, deitada sobre a carteira, postura oposta aos demais alunos, que interagem entre si. Ana Laura não se dirige aos colegas ou à professora e esses também não a procuram.

Em seguida, observamos que a professora se dirige aos demais alunos, pedindo que peguem os materiais propostos para a aula e, depois de vinte minutos do início da atividade proposta, a professora se dirige a Ana Laura para que ela pegue os materiais. Por fim, podemos verificar a falta de interesse e motivação de Ana Laura para realizar a atividade, visto que observou a revista de forma mecânica, não demonstrando muito interesse.

Tendo em vista as proposições da perspectiva histórico cultural sobre as condições de desenvolvimento de pessoas com deficiência, entendemos que para Ana Laura participar da atividade talvez fosse necessário outro olhar dos pares e da professora. O fato de a professora apenas propor uma atividade, sem desenvolvê-la junto aos alunos, não é suficiente para essa aluna participar e apropriar-se dos conhecimentos culturalmente desenvolvidos. Vigotski (1997) argumenta que o homem se desenvolve pela cultura, convívio social, relações com os outros e com o ambiente em que está inserido. Dessa maneira, podemos constatar que, nesse episódio, a aluna Ana Laura necessita de interações mais frequentes e intencionais com o grupo social, para que possa se desenvolver.

Saviani (2008) discorre sobre a inclusão excludente, que se manifesta e abrange a área educacional. O autor relata uma estratégia governamental, a qual consiste em incluir estudantes no sistema educacional escolar, o que amplia as estatísticas e números de estudantes inseridos na escola. Entretanto, esses estudantes, embora estejam incluídos na escola, não conseguem se apropriar dos conteúdos escolares mínimos necessários e, assim, obter sucesso no mercado de trabalho e participação ativa na sociedade, o que ele denomina de “inclusão excludente”.

Modos de interação entre a aluna e pesquisador: momento de intervenção

Episódio 1

Hoje propus uma atividade para a turma. Após explicar a atividade, os alunos iniciaram a modalidade de corrida de resistência: atividade que se baseava em correr ao redor da quadra. Estipulei o tempo de cinco minutos de corrida leve, sem interrupção e demonstrei para os alunos o que seria uma corrida leve (em torno de 8km/h), sempre observando e respeitando as características e limites de cada um. Ana Laura iniciou a corrida de forma bastante veloz, motivada pela competição. Correu em um ritmo muito acelerado durante os primeiros dois minutos e depois parou, “fechou a cara”, com uma aparência nervosa e foi em direção à

arquibancada se sentar. Nesse momento, eu cronometrava os tempos dos alunos do grupo. Vendo que Ana Laura iria se sentar, pedi à professora que continuasse a marcar os tempos dos alunos, para que eu pudesse conversar com a aluna. A professora, pronta e gentilmente, aceitou e deu continuidade à marcação dos tempos, e, assim, dirige-me a Ana Laura:

Pesq. Rodrigo: *Ei, Ana Laura, sentou por quê? Nada de se sentar, a aula ainda não acabou, vamos fazer a aula.*

Ana Laura: *Não consigo mais, estou morta.*

Pesq. Rodrigo: *Consegue, sim, vamos! Vai, levanta logo!*

Ana Laura: *Não consigo.*

Pesq. Rodrigo: *Consegue, sim, vamos. Eu vou correr com você.*

Ana Laura: *Vai? Então, eu vou. (Sorrindo)*

Pesq. Rodrigo: *Vamos. Vamos logo, vai, anda logo!*

Esse diálogo durou cerca de um minuto. Após o qual, eu e Ana Laura fomos para a corrida, retomando de onde ela havia parado. Expliquei à aluna que ela se cansou rapidamente, porque havia começado a correr em ritmo muito acelerado. Expliquei, também, que essa era a diferença entre a corrida de resistência e a de velocidade. Corremos por mais dois minutos, quando ela começou a se cansar novamente, querendo parar, até que em certo momento parou e colocou as mãos no joelho.

Ana Laura: *Não aguento mais, Professor.*

Pesq. Rodrigo: *Aguenta sim, vamos. Estou marcando no relógio, falta menos de um minuto, vamos.*

Ana Laura: *Não dá, estou morta.*

Pesq. Rodrigo: *Dá sim, só mais um pouquinho, vamos.*

Em seguida, peguei na mão direita de Ana Laura, e começamos a correr levemente. Após uns dois metros, acelerei um pouco o ritmo, e ela me acompanhou, voltando a correr, conseguindo, assim, percorrer o tempo estimado para a atividade. (EXTRAÍDO DO DIÁRIO DE CAMPO, 26/08/2014).

Observamos nesse episódio algumas questões sobre a participação da aluna Ana Laura, seus colegas, e os caminhos usados pelo pesquisador para realizar uma intervenção junto à aluna. Ressaltamos a participação de Ana Laura na aula prática de Educação Física realizada na quadra e sua motivação em relação à atividade proposta pelo pesquisador. Como aponta Vigotski (1993), a motivação é uma função psíquica superior, que se constitui nas relações sociais, ou seja, não é algo inerente do sujeito (o sujeito pode ou não nascer com tendência a manter-se motivado), é algo que depende da situação social, das relações estabelecidas com os outros. Desse modo, a constituição do sujeito enquanto ser histórico e cultural acontece pela integração das

dimensões afetiva e cognitiva.

Assim, podemos apontar que se a professora não interage com Ana Laura, não aponta caminhos, objetivos concretos e não realiza intervenções pedagógicas intencionais, a aluna não terá motivação para realizar a atividade, e se não há sentido em fazer a atividade, a motivação não vai ocorrer. Dessa maneira, a aluna estará sempre desmotivada a participar das aulas.

Durante o início da atividade, pudemos notar a aluna bastante motivada, demonstrando entusiasmo pela atividade proposta, porém, em nenhum momento interagiu com os colegas. Em um segundo momento, no decorrer da atividade, Ana Laura encontrou dificuldades, demonstrando cansaço físico e, por isso, parou e foi se sentar na arquibancada, irritada por não conseguir completar a corrida. Em um terceiro momento do episódio, o pesquisador, ao notar o desânimo, frustração e a dificuldade encontrada pela aluna, foi ao seu encontro, intervindo junto a ela, conversando e motivando-a para que voltasse à quadra e continuasse a atividade, com seu auxílio.

Partindo da ideia discutida por Vigotski (1991), em que o autor aponta que a aprendizagem e o desenvolvimento não acontecem a partir da ação direta do sujeito sobre o objeto do conhecimento, mas, sim, com base em uma ação mediada pelo outro, compreendemos que o pesquisador teve um papel significativo, intervindo na ação da aluna, para que ela conseguisse continuar a atividade.

Nesse episódio, fica nítida a importância do professor para que os alunos participem das aulas. Ana Laura precisou da intervenção e incentivo do pesquisador e de atividades pedagógicas que a motivassem a participar; atividades essas que fazem parte e são indicadas no Caderno do Professor, Volume I, para o 7º ano (SÃO PAULO, 2013).

Episódio 2

Neste dia propus a atividade de trabalhar o fundamento de finalização do basquetebol, cujo intuito seria arremessar a bola no aro. Como a tabela da quadra da escola não contém aro, o objetivo seria apenas arremessar a bola na tabela. Alguns alunos conseguiram realizar o arremesso com perfeição, outros não. Ana Laura encontrou dificuldade, pois não conseguia impulsionar a bola para que ela chegasse até a tabela. Fez três tentativas e em nenhuma obteve sucesso. Então, intervimos junto à aluna, para que ela conseguisse arremessar a bola.

Pesq. Rodrigo: *Ana Laura, vamos tentar fazer dessa maneira. Coloque suas mãos, uma sobrepondo a outra* (Demonstrei o movimento das mãos). *Agora, na hora de arremessar, tente impulsionar a bola com as duas mãos e não apenas com uma delas, como você está fazendo. Vamos lá, vai.*

Ana Laura: *Tá. Deixa tentar.*

Ana Laura arremessa a bola em direção à tabela, ainda não conseguindo atingir o objetivo proposto.

Pesq. Rodrigo: *Vamos lá. Mais uma vez.*

Ana Laura novamente arremessa a bola e, dessa vez, a bola chega a tocar a tabela, embora ainda não fosse da forma como eu queria o arremesso. Ana Laura arremessou a bola por mais três tentativas e, na quarta, ela consegue realizar o arremesso como eu propusera.

Pesq. Rodrigo: *Está vendo como você consegue, é só impulsionar a bola com um pouco mais de força.*

Ana Laura: (Apenas sorri).

Pesq. Rodrigo: *Bate aqui.* (Toca a mão direita de Ana Laura em sinal de cumprimento).

Ana Laura: (Toca na mão do pesquisador, sorrindo). (EXTRAÍDO DO DIÁRIO DE CAMPO, 28/10/2014).

Como já supracitado, estudos têm apontado os problemas que as escolas brasileiras têm enfrentado nesse sentido, de modo geral, falta de estrutura física e falta de materiais (CANESTRARO; ZULAI; KOGUT, 2008; FALKENBACH; RISSI, 2011; PALMA; LEHNHARD, 2012). Esse problema é ainda mais contundente nas aulas de Educação Física, em que os professores “necessitam” desses materiais para que possam propor práticas pedagógicas adequadas aos objetivos da disciplina.

Canestraro, Zulai e Kogut (2008), ao investigarem as principais dificuldades encontradas pelos professores de Educação Física no ensino fundamental, destacam como a maior, entre elas, a falta de estrutura da escola, tanto problemas de estrutura física, quanto de materiais quase sempre precários. Ressaltam, ainda, que os professores se sentem prejudicados pela falta de suporte por parte da escola, para que possam desenvolver suas atividades pedagógicas de forma efetiva.

Cruz e Neto (2013) destacam que, diante dessa situação, é de extrema importância que professores, pais, alunos e demais membros da sociedade busquem se informar e participar da vida escolar, reivindicando, apresentando sugestões, questionamentos e soluções, para que se construa uma sociedade sem injustiça, e se encontrem caminhos para que essa realidade, aqui mencionada, seja mudada. Os autores apontam ainda que para os alunos com deficiência terem acesso às aulas de Educação Física é necessário superar essa realidade, constituindo um ambiente escolar que proporcione estrutura física adequada, com materiais adaptados e professores capacitados para trabalhar com esses alunos.

Adisciplina de Educação Física pressupõe o trabalho com múltiplos conhecimentos a respeito do corpo e do movimento (BRASIL, 1998). Consideram-se fundamentais para a Educação Física, atividades culturais com finalidades de lazer, expressão de sentimentos, recuperação, manutenção e promoção de saúde. Na Educação Física Escolar é preciso que o aluno tenha garantia do conhecimento prático e conceitual em sua aprendizagem. Para isso, é importante que se mude a ênfase que se tem em aptidão física e rendimento físico. É necessária uma concepção mais abrangente, que

envolva todas as dimensões da prática corporal. É importante, também, deixar claro que os objetivos da Educação Física escolar não são iguais aos do esporte, da dança. A Educação Física tem como objetivo dar direitos e oportunidades iguais a todos os alunos, para que possam desenvolver suas potencialidades, formando-os de modo a se tornarem cidadãos autônomos, organizados e críticos, que saibam respeitar uns aos outros.

Dainez (2009) ressalta que o conceito de compensação, discutido por Vigotski, não deve ser visto apenas no plano sensorial e orgânico. Ou seja, devemos dirigir nossa atenção para uma compensação voltada aos aspectos históricos, culturais e sociais. A autora discute que a compensação ocorre por meio da linguagem, de uma mediação sógnica e social, que busque constituir a subjetividade da pessoa com deficiência, e esta precisa ser desenvolvida de acordo com as suas condições concretas da vida.

Nessa mesma perspectiva, Góes (2002) salienta a atribuição de um papel central ao outro e à linguagem nas possibilidades compensatórias de pessoas com deficiência. Para a autora, no âmbito educacional, o professor deve promover o uso da linguagem como caminho alternativo para os alunos com deficiência. A linguagem tem significado quando corresponde a algo vivenciado pelo aluno e que faça sentido para ele. Destacamos que no episódio acima, o professor busca caminhos para a aluna participar: orienta a aluna a fazer de outro modo, demonstra como faz o movimento, insiste para que a aluna faça e incentiva seu modo de participar. Assim, por meio dos gestos e palavras – instrumentos semióticos – Ana Laura pode realizar a atividade.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, refletimos e buscamos compreender as condições de participação de uma aluna em condição de deficiência intelectual, durante as aulas de Educação Física no contexto da escola regular. Analisamos e discutimos essas relações frente ao processo de inclusão da aluna em condição de deficiência intelectual, tendo como base as proposições da perspectiva histórico-cultural de Vigotski e de autores contemporâneos.

Mediante a análise que realizamos, identificamos que a professora organizava suas aulas, oferecendo aos alunos conteúdos e atividades repetitivas que não constavam como atividades pedagógicas propostas e indicadas ao 7º ano do ensino fundamental, pelo Caderno do Professor, do estado de São Paulo. Ressaltamos, ainda, a falta de participação efetiva da professora durante as aulas, uma vez que, em vários momentos, ela apenas distribuía os materiais e saía da sala, deixando os alunos sozinhos. Não identificamos um movimento por parte da professora para integrar Ana Laura nas atividades. Não era propósito deste estudo, investigar a professora e sua história de formação e atuação, posto que, não temos elementos para uma discussão a respeito de suas motivações para a realização do seu trabalho.

Analisamos ainda que todos os alunos da turma, inclusive Ana Laura, participaram das atividades propostas e conduzidas pelo pesquisador. A aluna, em alguns momentos, encontrou dificuldades para realizar as atividades, mas acabou executando-as, como também entrou em contato com os colegas, a partir das intervenções deliberadas do pesquisador.

Este estudo nos deu a possibilidade de refletir a respeito da inclusão escolar de alunos com deficiência no âmbito escolar. Compreendemos que para que ocorra a inclusão e a possibilidade de participação efetiva escolar de alunos com deficiência, durante as aulas de Educação Física, são necessárias oportunidades concretas de ensino, por meio de métodos, objetivos e ações pedagógicas diferenciadas, que respeitem a individualidade do aluno, levando-se em consideração sua realidade social e cultural. Desse modo, com planejamento pedagógico, atuação intencional do professor e sua atenção e olhar voltados a todos os alunos, torna-se possível a realização de um trabalho de inclusão escolar, que vise o desenvolvimento cultural proporcionado pela disciplina de Educação Física.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. M. **Inclusão Escolar: modos de participação de alunos e professores nas aulas de Educação Física**. 2014. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – PPGE em Educação, Ribeirão Preto: Centro Universitário Moura Lacerda, 2014.

ANDRADE, J. M. A.; FREITAS, A. P. Possibilidades de atuação do professor de educação física no processo de aprendizagem de alunos com deficiência. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 1163-1173, out. 2016.

ARANHA, M. S. Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência. **Revista do Ministério Público do Trabalho**, Ano XI, n. 21, mar. 2001, p. 160. Disponível em: <<http://www.adion.com.br/mznews/data/paradigmas.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linhas de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: CORDE, 1994.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC/SEESP, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em: 19 mai 2015.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**, terceiro e quarto ciclo do Ensino Fundamental. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, janeiro de 2008.

CANESTRARO, J. F.; ZULAI, L. C.; KOGUT, M. C. **Principais dificuldades que o professor de Educação Física enfrenta no processo ensino-aprendizagem do Ensino Fundamental e sua influência no trabalho escolar**. 2008. In: Anais do VIII Congresso Nacional de Educação– EDUCERE. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/872_401.pdf>. Acesso em 17 fev. 2015.

CRUZ, S. P. da S e NETO, J. B. **A polivalência no contexto da docência nos anos iniciais da escolarização básica: refletindo sobre experiências de pesquisas**. Revista Brasileira de

DAINÊZ, D. **A inclusão escolar de crianças com deficiência mental: focalizando a noção de compensação na abordagem histórico-cultural.** 2009. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – PPGE em Educação da Faculdade de Ciências Humanas. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 2009.

GORGATTI, T. **Ferramenta para a felicidade e bem-estar.** Educação & Família – deficiências: a diversidade faz parte da vida! São Paulo, v.1, p.40-41, 2003.

GUGEL, M. A. **A pessoa com deficiência e sua relação com a história da humanidade.** Disponível em: <<http://www.ampid.org.br/Artigos/PD.Historia.php>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

JURDI, A. P. S. **O processo de inclusão escolar do aluno com deficiência mental: a atuação do terapeuta ocupacional.** 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, São Paulo, 2004.

KARAGIANNIS, A; STAINBACK, W; S, S. **Fundamentos do Ensino Inclusivo.** In: STAINBACK, S. STAINBACK, W. Inclusão: um guia para educadores. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

KASSAR, M. C. M. **Percursos da constituição de uma política brasileira de educação especial inclusiva.** Revista Brasileira de Educação Especial. Marília. v. 17, ed. especial, 2011, p. 41-57. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v17nspe1/05.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2015.

MAZZARINO, J. M; FALKENBACH, A; RISSI, S. **Acessibilidade e inclusão de uma aluna com deficiência visual na escola e na educação física.** Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 87-102, jan./mar. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbce/v33n1/a06v33n1.pdf>>. Acesso em: 26 jan 2015.

MAZZOTTA, M. J. S. **Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 231p.

PALMA, L. E.; LEHNHARD, G. R. **Aulas de educação física e inclusão: um estudo de caso com a deficiência física.** Revista Educação Especial, Santa Maria, v.25, n.42, p.115 - 126, jan./abr. 2012. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em: 19 mai. 2015.

SÃO PAULO. **Caderno do professor: educação física, ensino fundamental.** In: FINI, M. I. (org.) 6º série, v. 1. São Paulo: Secretaria da Educação, 2013.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SILVA, S. B. e SOUZA, R. V. **Inclusão escolar e a pessoa com deficiência nas aulas de educação física das redes municipais e estadual de Uberlândia/MG.** Revista Especial de Educação Física – Edição Digital nº. 2. Uberlândia, MG, 2005.

SOUZA, G. K. P. de, e BOATO, E. M. **Inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais nas aulas de educação física do ensino regular: concepções, atitudes e capacitação dos professores.** Educação Física em Revista, v. 3, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/article/view/1341/1019-2009>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

VYGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente.** 4. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1991.

VYGOTSKI, L. S. **Pensamiento y lenguaje - Obras Escogidas – v. II.** Madrid: Visor, 1993.

VYGOTSKI, L. S. **Fundamentos de defectologia**. - Obras Escogidas – v. V. Madrid: Editora Visor, 1997.

VIGOTSKI, L.S. **Manuscrito de 1929**. Educação & Sociedade, Campinas: Cadernos Cedes, ano XXI, n.71, p.21- 44, 2000.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-460-3

